

Até que a felicidade nos abrace: uma entrevista com Malvina Sousa

Until happiness embraces us: An interview with Malvina Sousa

Susana L. M. ANTUNES*

University of Wisconsin-Milwaukee (UW-Milwaukee)

RESUMO: Esta entrevista pretende examinar o aumento alarmante da violência doméstica em Portugal, com foco particular nos Açores. A conversa com a escritora açoriana, Malvina Sousa, explora a persistência deste problema, agravado pelas vulnerabilidades sociais e económicas da região e os efeitos emocionais e psicológicos duradouros nas vítimas. A entrevista aborda a necessidade de políticas públicas robustas, educação preventiva e redes de apoio fortalecidas para combater a violência doméstica. Malvina Sousa oferece uma análise da sua obra *Até que a violência nos separe* (2019), incluída no Plano Regional de Leitura dos Açores, mostrando como o livro da autora serve como uma denúncia do problema e como um apelo à ação para a urgente mudança social.

PALAVRAS-CHAVE: Violência doméstica. Direitos humanos. Impacto social. Açores. Malvina Sousa.

ABSTRACT: This interview aims to examine the alarming rise of domestic violence in Portugal, with a particular focus on the Azores. The conversation with the Azorean writer Malvina Sousa explores the persistence of this issue, intensified by the region's social and economic vulnerabilities, and the lasting emotional and psychological effects on the victims. The interview addresses the need for effective public policies, preventive education, and strengthened support networks to combat domestic violence. Malvina Sousa offers an analysis of her book *Until violence separates us* (2019), included in the Azores Regional Reading Plan, showing how the book acts as both a denunciation of the issue and a call to action for urgent social change.

KEYWORDS: Domestic violence. Human rights. Social impact. Azores. Malvina Sousa.

* Doutora em Literatura Contemporânea Brasileira, Portuguesa e Africana em língua portuguesa pela University of Massachusetts, Amherst. Professora Associada de Português com Agregação e Coordenadora do Programa de Português na University of Wisconsin-Milwaukee (UW-Milwaukee). É pesquisadora nos grupos de Escritoras de Língua Portuguesa no Tempo da Ditadura Militar e do Estado Novo em Portugal, África, Ásia e países de emigração (Universidade NOVA, Lisboa); Estudos de Paisagem nas Literaturas de Língua Portuguesa (UFF, Brasil); Centro de Estudos Comparatistas da Universidade de Lisboa e tradutora do Institut Internationale de Géopoétique (França). antunes@uwm.edu
Revista Moara, n. 70, 2025, e701, 2025 ISSN: 0104-0944

De acordo com os dados revelados por Pedro Almeida Vieira no artigo intitulado “Violência doméstica: 72 crimes por dia no ano passado. Municípios do Alentejo e Açores com os piores rácios” a violência doméstica tem-se consolidado como um problema alarmante, sobretudo quando se alarga a análise ao norte interior. Epidemia silenciosa que continua a devastar famílias e a deixar marcas profundas tanto nas vítimas quanto nas comunidades onde ocorre, a violência doméstica é um problema grave que continua a devastar seres humanos.

Nos Açores, os casos têm aumentado de forma alarmante, refletindo não apenas a persistência do problema, mas também o desafio de o combater em contextos sociais e económicos mais vulneráveis. Essa violência não apenas destrói lares, mas também deixa cicatrizes emocionais e psicológicas duradouras. O combate contra essa realidade exige políticas públicas robustas, educação preventiva e redes de apoio fortalecidas para oferecer proteção e justiça às vítimas.

Numa região onde a violência doméstica tem atingido números verdadeiramente assustadores, a crescente consciencialização sobre o problema tem levado a um aumento das denúncias, mas os números indicam que ainda há um longo caminho a percorrer para se mitigar esse flagelo. A implementação de políticas públicas eficazes, o fortalecimento das redes de apoio e a promoção de campanhas de sensibilização são medidas essenciais para enfrentar este desafio que teima em persistir.

No livro *Até que a violência nos separe*, publicado em 2019 e incluído no Plano Regional de Leitura dos Açores, Malvina Sousa transforma essa epidemia silenciosa num grito de denúncia. Conversámos com a autora sobre o impacto da sua obra e a urgência de dar voz às vítimas.

Susana L. M. Antunes (SLMA): Quem é Malvina Sousa?

Malvina Sousa (MS): A Malvina Sousa não gosta nada de falar de si ... Por um lado, eu sou alguém que vive de emoções, sou extremamente emotiva, observadora, sou muito atenta a tudo o que se passa à minha volta e presto muita atenção ao outro e àquilo que o outro precisa (acho que sou muito maternal, no sentido de cuidar do outro)... para mim, é fundamental ver o outro, dar a mão. Assim como é elementar não nos esquecermos que somos todos diferentes e todos temos uma história debaixo da nossa pele. Uma história

que deixa marcas, que traz bagagem e que faz de nós quem somos. Vejo a vida como uma viagem que se faz de pessoas, de cores, de cheiros, de sons... de emoções e sentidos!

Acho que sou transparente (sou muito expressiva e não consigo esconder as minhas emoções ou o que penso... já mo dizem os meus alunos, que acham graça a isso). Acho que tenho um sentido de humor que classificaria de “particular” e que me ajuda a ver a vida de outro modo e se torna um grande aliado na minha maneira de lidar com as situações com as quais me deparo todos os dias.

Creio que sou, também, versátil, muito prática, no sentido de procurar soluções e resolver situações. Se há algo para fazer, faço, sem rodeios, sempre dando o meu melhor. Aliás, sou alguém que procura, todos os dias, fazer mais e melhor.

Sou cautelosa nas relações e não me revelo logo. Sou muito amiga dos meus amigos. Sou perfeccionista, o que às vezes é uma qualidade, outras um defeito irritante. Sou teimosa. Admito que, às vezes, chata... sou persistente, quando defino objetivos... levo-os até ao fim. Quando acredito em algo, defendo-o. Detesto injustiças e hipocrisia. Acredito que a forma como olhamos para as situações que nos surgem faz toda a diferença!

Adoro ler, escrever, ouvir música, ver espetáculos de dança que se fazem de emoção. Emociono-me muito com as artes, as diferentes artes, e com o que estas me conseguem provocar e fazer sentir. Adoro o mar e o que este me inspira e provoca.

Acho que sou criativa (em tudo o que faço, tenho de estar constantemente a criar), e dou muita atenção aos pormenores, em tudo.

Adoro estar com pessoas. Rir. Sou açoriana, com orgulho e gosto pela minha terra.

Sou mulher (nos vários sentidos que a palavra possa ter), filha, irmã, uma tia apaixonada pelos seus sobrinhos... Sou professora, mas sou-o sempre vendo-me como alguém que ajuda os alunos a criarem as suas asas para que possam, depois, voar, procurando mostrar-lhes que a vida é uma dádiva e que o mundo deve ser pintado com as cores que eles desejarem. Acredito que todos temos dons e qualidades. Que somos todos especiais e que todos merecemos ser felizes e respeitados! E procuro passar-lhes esta mensagem todos os dias.

Acredito no amor... e na esperança, mesmo quando essa anda escondida.

Sou assim...

SLMA: O que a motivou a escrever acerca da violência doméstica?

MS: O facto de ser algo que mexe muito com as emoções e com os direitos básicos do ser humano e de estar muito presente na nossa Região. Por ser, de todas as formas, um grande desrespeito pelo ser humano, achei ser importante “gritar” através da escrita este problema tão grande e tão devastador! E assustador: quando era mais jovem, ainda estudava, e tive contacto com algumas vítimas; anos depois, assustava-me muito ver que o problema persistia... com alguma evolução positiva na busca da sua resolução, é verdade, mas persistia, sem acompanhar devidamente os ritmos da evolução da sociedade. Isso é flagrante e denuncia que este se trata, também, de um problema de educação, de cultura e de toda a sociedade. Por isso, tal como acontece sempre que me deparo com problemas ou assuntos que mereçam luta e voz, quis escrever acerca disso... porque, na minha opinião, a escrita também tem um grande poder a nível interventivo, dando voz a tantos silêncios, e pode mostrar o que existe de bom, mas também deve denunciar o que não está bem!

Na verdade, este livro havia sido escrito uns cinco anos antes de ser conhecido. Mas, como acontece sempre que escrevo algo, deixei-o “repousar”. No entanto, houve uma fase em que começaram a surgir, todos os dias, na televisão ou nos jornais, notícias devastadoras de vítimas de violência, inclusive de mortes. Nessa altura, senti que ainda fazia mais sentido falar no assunto, denunciá-lo, salientando que era preciso fazer algo e falar de diferentes aspetos relacionados com a violência que nem sempre são tidos em conta ou equacionados... e a escrita e este livro foram, para mim, também neste contexto, uma forma de luta! Sobretudo porque, passados tantos anos, as histórias sobre a violência continuam a ser mais ou menos as mesmas de há 20 anos... o que é deveras assustador, porque demonstra que, neste mal, pouco se evoluiu e há um longo e duro trabalho pela frente! E tem de ser um trabalho de todos nós e não apenas das vítimas ou dos agressores. Não podemos fingir que não se passa nada! Agir e fazer algo é o dever de todos!

SLMA: Se bem que seu livro se centra nas relações íntimas e na vida doméstica, o grande cenário de *Até que a violência nos separe* é os Açores com importantes referentes geográficos e culturais. Porque escolheu os Açores como pano de fundo do seu livro?

MS: Sendo dos Açores, e orgulhosa da minha terra, todas as vezes que escrevo, eu faço questão de mencionar aspetos das ilhas dos Açores, em particular aquela em que vivo, a de São Miguel. Por um lado, creio que, ao reconhecerem esses locais ou essas tradições,

os açorianos se vão sentir bem e, assim o espero, serão também parte do que escrevo, abraçando mais o livro; por outro lado, os leitores que forem de outros locais poderão sentir-se atraídos pelo que leem e ficar com vontade de vir cá e de conhecer os nossos locais e as nossas tradições, assim como variados pormenores que encontram neste escrito. Para além de poderem ficar a sentir, tal como acontece com muitas leituras, que fazem parte do que está ali escrito e que estão naqueles locais, vivendo tudo o que se passa. Esta ligação, essa presença dos Açores no que escrevo é uma constante e tem, para mim, grande relevância, pois mostra quem eu sou... e, felizmente, tenho recebido algumas confirmações no sentido de estar a conseguir tocar as pessoas: muitos açorianos referiram que, ao ler o livro, sentiam que estavam a passear pela ilha e reconheciam, felizes, aquilo que liam; outras pessoas, oriundas de outros sítios, enalteceram as diferentes referências a locais, muitas tradições e costumes nossos, também como se já fizessem parte de toda essa riqueza.

Para além disso, há outro aspeto importante, para mim, quando se fala da escrita: eu acredito que esta pode e deve ser um testemunho daquilo que é e faz um país, uma Região. Por isso, tentei colocar neste meu livro muito do que somos e podemos encontrar nos Açores, quer sejam coisas boas, quer sejam más.

SLMA: Quer especificar um pouco mais esta ideia que acaba de referir?

MS: O livro contém riquezas dos Açores e das nossas ilhas, como lhe disse, sobretudo de São Miguel (no que diz respeito a locais, costumes, tradições, entre tantas outras coisas). Mas também contém aspetos preocupantes e que devem ser denunciados: a forma como a violência é falada e relatada no livro é um exemplo disso e um retrato de como esta é vista ou sentida cá, mostrando algo que, infelizmente, faz parte da nossa sociedade, assim como as marcas que esta atrocidade deixa, de tantas formas. No livro, a forma como algumas personagens aceitam e falam da violência deriva de questões educacionais e culturais que, infelizmente, fazem parte da história da nossa Região. A mulher tinha um papel menor, subserviente, e era o homem quem mandava e fazia questão, muitas vezes, de impor a sua autoridade e, quando sentia ser necessário, fazia-o também através da violência. E esta forma de agir era normalizada pela sociedade e chegava-se, muitas vezes, a culpabilizar as mulheres e a dizer que estas mereciam ser tratadas assim. Hoje, apesar de, felizmente, termos assistido a alguma evolução nestes aspetos, a verdade é que

esta não é tão notória como se deseja, precisamente por estarmos a falar de questões entrelaçadas na educação e na cultura do nosso povo. E, quando assim é, torna-se difícil conseguir operar grandes mudanças. E é uma luta diária!

SLMA: A certo momento do seu livro (p. 239) podemos ler: “- Shiu ... não vale a pena tentares resistir ... tu já estás nas minhas mãos de novo ... deixa-te levar ... shiuuuu ...”. A escolha das palavras e do tom neste excerto é muito sugestivo... Que papel desempenha esta cena no desenrolar da narrativa?

MS: Esta cena representa o agressor na sua essência. A necessidade que este sente de dominar, a obsessão que o inunda, o anular da vontade do outro para impor a sua... assim, acaba por ser uma espécie de retrato do agressor. A referência às mãos é importante: as mãos que deviam proteger, acarinhar, são, afinal, o monstro. O monstro que domina. O monstro que magoa... que acha sempre que está certo. O monstro que acredita que tem o direito sobre o outro, que o sente como sua posse e, por isso, faz o que quer. O monstro que manda calar e que sabe que está a dominar, pela força ou pela maldade.

Esta cena é um marco na narrativa porque nos vem lembrar que o perigo está sempre à espreita e nos alerta para os desfechos que este tipo de situações pode ter. Sem querer desvendar demasiado acerca do livro, esta cena representa um murro no estômago. A vitória do mal e da maldade...Mas também o alerta! A importância de lutar!

SLMA: Que papel desempenham José, Maria, Ricardo, Larissa, Carla, Mário e Elisa na construção da narrativa do seu livro?

MS: Não quero estar a desvendar muito acerca do livro, mas posso dizer que todas essas personagens, tão distintas, representam, de diversas formas, o amor, a emoção e a força, canalizados para diferentes sentidos ou caminhos.

Começemos por Maria: Maria representa todas as Marias do mundo, ou seja, todas as vítimas. É mulher, filha, mãe. E é pela filha que vai buscar forças onde não sabia ter para fugir da vida que levava, sem uma mãe que a apoie nesta luta. É forte, trabalhadora, corajosa. Representa também a luta pelo amor-próprio, das mais importantes.... É uma inspiração, mas também a representação do que pode acontecer.

Larissa é a filha, e representa os filhos pelos quais se deve lutar e pelos quais tudo deve ser feito para não terem de viver nesses ambientes de violência. É a criança que precisa

que a protejam e os pais têm esse dever, o de proteger e cuidar. E foi isso que Maria fez. Larissa é a força que leva Maria adiante. Mas é também a filha que sofre...

Ricardo é o agressor. O monstro. Que não desiste, que quer mais e que acha que tem todos os direitos do mundo. É também alguém que sente um “amor” à sua maneira, assim como emoção e força, todos canalizados para a maldade. É destruição. O retrato da violência no seu pior!

José é o companheiro, o amigo, o amor, o que cuida e procura proteger. A esperança.

Carla é a amiga. É quem dá a mão sem esperar nada em troca. É a pessoa com quem podemos contar. É um sorriso e um abraço. Quem escuta e ajuda. É alguém que vê a vida com humor e procura olhar para as situações sempre à procura de aprender. É apaixonada pela vida e pelo que faz!

Mário é uma vítima, também, e surge para mostrar, no livro, que não há gêneros, idades, raças para que a violência aconteça, nas mais diversas formas. E é uma vítima que recupera a sua vida e se apaixona e é feliz, com todos os receios que as vivências anteriores lhe gravaram na pele.

Elisa é também outra vítima, daquelas que surpreendem, pelo estrato social que tem e que, segundo as ideias preconcebidas, não pode ser alvo de violência. Mas Elisa, que vive o que parece ser a vida ideal, mostra-nos como isso é mentira e, apesar de, inicialmente, procurar esconder e negar o que se passa, algo muito frequente, é mais um exemplo de sucesso na reconstrução da sua vida.

Todas estas personagens são muito importantes no livro e representam, como refiro, amor, emoção e força, assim como um pouco de todos nós.

SLMA: No seu livro fala de uma Casa de Acolhimento, o Centro Vidas de Bruma. Esta casa inspira-se em algo da realidade?

MS: Para mim, foi importante falar de uma Casa de Acolhimento. Esta é ficcional, mas essas casas existem e é importante dar a saber isso às pessoas, também através do meu livro. O objetivo, com essa referência, foi mostrar que esta é uma das saídas possíveis, sobretudo quando as vítimas sentem que não têm mais nenhuma. A intenção foi mostrar o que existe, como funciona, dar a conhecer os apoios e as ajudas, as pessoas que podem intervir em diferentes áreas; mostrar o processo, desde o momento em que Maria sai de casa, sem planos, e depois, passo a passo, vai delineando o seu caminho. Um caminho

difícil, é certo, mas no qual tem ajuda (e isso é fundamental), primeiro da amiga, depois das pessoas desse centro, no qual ela recebe apoio psicológico, social, jurídico... entre outros. É importante mostrar às pessoas que passam por essas situações tão complicadas que há gente pronta a ajudar e a tornar o processo, que é tão difícil, ligeiramente mais fácil. É fundamental mostrar os caminhos, as saídas!

SLMA: Ao ler o seu livro, é notória a presença recorrente do pronome “nós”, usado em expressões como “nossas vidas” “nossos desafios”. O que a motivou a adotar por essa escolha gramatical?

MS: Para mim, a escrita também serve para motivar as pessoas... e, numa situação má, se as pessoas sentirem que não estão sozinhas, que têm uma rede de apoio, que há tantas outras a sentir e a passar pelo que elas passam... há um incentivo para serem mais fortes, lutarem, para irem em frente, para procurarem mudar as situações. E, de facto, há muito mais vítimas entre nós do que aquelas que imaginamos. Por isso, este livro, cheio de relações e emoções, de vivências diferentes, tem um pouco de todos nós e será muito fácil, creio eu, identificarmo-nos com alguma situação ou personagem, por diferentes razões, e que até podem nada ter a ver com a violência.

Este meu livro transmite esta minha forma de ver a vida e espera contagiar as pessoas com esta ideia e este sentir: com a mão dos outros, com o seu abraço, tudo se torna mais fácil. Para além disso, nesse livro, também denuncio outra coisa que considero muito importante e que está a faltar muito nos nossos dias: alguma humanidade, a capacidade de ajudar o outro... e de fazê-lo sem esperar nada em troca, só pelo simples bem de fazer... isso é algo que eu defendo muito e que aparece tantas vezes no livro, de tantas formas!

SLMA: Outra questão abordada no seu livro é o papel do álcool nos momentos de abuso cometidos por Ricardo, uma das personagens do seu livro. Pode falar um pouco sobre essa situação?

MS: Sim, o “grande agressor”, Ricardo, surge aliado à bebida e esta é uma desculpa para os seus comportamentos... porque, de facto, muitas vezes (e aqui na nossa Região isso também acontece, tal como por todo o mundo) a bebida é apontada como uma desculpa para estas situações. Aliás, os agressores chegam a dizer que “não queriam, mas a bebida

fez com que se descontrolassem”. Outra ideia importante e presente no livro está relacionada com a mãe da Maria, que diz à filha que muito do que se passa é culpa dela e até normaliza a situação da violência... o que é chocante, mas acontece, de verdade... aliás, depois descobrimos que ela também já havia sido vítima, no passado, por isso, quase nos dá a entender que é como se fosse uma “passagem de testemunho” obrigatória e carregada de geração em geração. As mulheres carregam este peso: o de uma educação que lhes diz que devem ser subservientes e não devem pensar por si, que devem calar a sua voz... o que é inaceitável! É por isso que o trabalho a ser feito é árduo e duro, porque é preciso lutar contra anos e anos de ideias e concepções enraizadas e complicadas e é muito mais difícil mudar algo que é quase considerado normal ou para o qual se acha que não há remédio...

Para além de abordar e de alertar para esses aspetos, também achei relevante demonstrar algumas ideias muito importantes: que a violência não tem idades, não tem raças, não tem classes/estrato social, não tem géneros... que existem diferentes tipos de violência, assim como diferentes vítimas e diferentes agressores (por isso, no livro, ficamos a conhecer diferentes vítimas e agressores, que nos surpreendem); que temos de estar alerta aos sinais, que surgem sempre e, quando os sentirmos, não podemos hesitar e temos de “colocar um basta”; quis que este livro abraçasse as emoções e as diferentes relações (marido e mulher; namorado e namorada; mãe e filha; pais e filhos; amigos, colegas de trabalho...) e relembresse a importância de todas elas! Este é um livro de emoções! Porque todos somos feitos de emoções!

SLMA: A Malvina inclui no enredo uma personagem que resiste a ofertas de ajuda, a Elisa. Qual é o papel dessa negação no texto?

SM: O papel dessa negação é o de mostrar mais esta realidade, que, muitas vezes, acontece. A pessoa procura convencer-se de que tudo está bem, quando os sinais até são muito visíveis e mostram exatamente o contrário. Mas, para algumas pessoas, este caminho é mais fácil, porque implica não ter de fazer mudanças, sobretudo quando há determinadas coisas em risco (sejam elas materiais ou psicológicas, pois mesmo que esta relação seja muito má, por vezes, para a pessoa, é melhor do que não ter nada). Há quem se convença que tudo está bem, que o que acontece é por amor, exatamente por não ser capaz de aceitar o oposto e que, afinal, o amor não é assim e, por isso, aquilo que está a

viver nada tem a ver com amor. Infelizmente, esse processo de negação é bem mais comum do que se pensa, daí que eu também tenha feito questão de incluir esta visão, essa forma de viver no livro, para mostrar que as pessoas são todas diferentes, sentem de maneira diferente e que as situações de violência não são tão lineares como parecem e a forma como são vistas, sentidas e sofridas são muito diferentes, consoante as pessoas que as vivem. Essa capacidade de ver o outro, de procurar compreender o seu lado, assim como o seu sentir e o seu pensar, que não é igual ao meu... é algo que deve acontecer muito na nossa vida e é sinónimo de humanidade também. E eu quis incluir no livro quer esta negação, quer o que, apesar disso, é feito para ajudar essa pessoa.

SLMA: Existem pessoas que se sentem obrigadas a sofrer frequentemente, acabando por ficar vulneráveis àquelas pessoas que se sentem livres e com direitos para exercer a violência. Na sua opinião, como poderemos promover relações mais saudáveis e equilibradas, sobretudo nos jovens?

MS: Existem pessoas que acham que merecem sofrer. Porque toda a vida lhes disseram que não eram boas o suficiente, bonitas, inteligentes, merecedoras o suficiente. Por isso, aceitam o que lhes dão. Mesmo quando aquilo que lhes dão é muito mau... para elas, é o melhor que poderão ter e, por isso, de facto, estas pessoas são as mais vulneráveis aos agressores, que continuam a alimentar esta ideia e este sentir nelas.

No entanto, há aqui um outro aspeto que acho relevante destacar: o agressor, em algum ou outro momento da sua vida, já foi vítima. A questão é que há pessoas que são vítimas e que decidem que não querem mais violência na sua vida; querem ser diferentes e melhores. E há outras que já foram vítimas e depois não sabem ou não conseguem ir para além desse ciclo, quebrá-lo. Não são capazes de encontrar outros caminhos. Infelizmente, nem todas as pessoas conseguem seguir outra via, ser fortes o suficiente para conseguir isso.

É exatamente por essa razão que se torna importante falar de relações, trabalhá-las desde a mais tenra idade, para que consigamos promover relações mais saudáveis e equilibradas. Se o fizermos desde cedo, esta criança será um jovem e, logo, um adulto melhor e mais equilibrado. Há que despertar, consciencializar, falar, discutir tantos assuntos, desde

muito cedo, para que se possam trabalhar as emoções e construir caminhos e seres humanos mais completos e felizes!

SLMA: Como se pode alertar e consciencializar as pessoas para estas suscetibilidades/vulnerabilidades que refere e que as tornam um alvo mais fácil?

MS: Tal como referi, é importante que tudo comece desde cedo, quer em casa, quer na escola. E as escolas, local onde as crianças e os jovens passam muito tempo, têm um papel fundamental na consciencialização de variados assuntos (como este da violência, sem esquecer de trabalhar valores como o respeito, a tolerância, e tantos outros). A escola poderá ajudar a prevenir ou até mesmo ser um agente importante no “abrir de olhos” das crianças que estejam a passar por esse tipo de situação ou possam viver algo assim posteriormente. Para além disso, acredito que também poderá “abrir os olhos” de muitos agressores e ajudá-los a melhorarem, trabalhando com eles tudo o que está subjacente às suas atitudes. Eu acredito que se pode “salvar” muita gente... sobretudo as pessoas que quiserem ser salvas.

Para além disso, se há grupos de risco identificados (e há-os, muitas vezes), há que promover sessões de sensibilização para estas situações que, acredito, poderão fazer a diferença! (Já senti isso em várias sessões que efetuei, que algumas pessoas foram “beliscadas” pelo que ouviram e sentiram que tinham de fazer alguma coisa para mudar o que se passava)

Hoje, com tudo o que temos à nossa volta, as pessoas precisam de ser mais fortes; têm de olhar para dentro de si, procurar perceber-se (e se não conseguem fazer isso sozinhas devem procurar quem as ajude), para que possam definir os seus objetivos e tornar-se menos influenciáveis e vulneráveis a tudo e a todos os que as rodeiam. É preciso olhar para o mundo real, viver a realidade, mas as pessoas andam tão infelizes que parecem preferir viver num mundo fictício. E por isso é urgente apostar em ações que despertem para tudo o que se passa.

SLMA: Na sua perspetiva, como podemos re-imaginar a família nuclear para diminuir a incidência da violência doméstica?

MS: A família deve ser feliz, seja ela nuclear ou não. Não há que manter algo quando as pessoas não são felizes, não há que continuar uma vida pelas aparências. E é aqui que surge a importância do título do livro (Até que a violência nos separe), que recupera a frase sempre dita nos casamentos “até que a morte nos separe”. Assim, ao dar este título ao livro, quis beliscar as pessoas, abrir os olhos e gritar “Não!” Quis dizer que, quando as coisas não estão bem, temos de quebrar essa linha, essa tradição! A partir do momento em que não há respeito, não há amor... e, por isso, não há família, e muito menos a família nuclear. O que importa é sermos felizes. E, para isso, não pode haver violência, seja ela de que tipo for!

SLMA: O final surpreendente do seu livro certamente foge das expectativas da maioria dos leitores. O que a motivou a optar por esse desfecho inesperado? Ele foi planejado desde o início ou surgiu ao longo do processo de escrita? Além disso, que mensagem ou reflexão espera provocar nos leitores com a sua opção?

MS: Já sei que as pessoas esperavam um fim feliz para Maria. Aliás, muitas pessoas ficaram admiradas com o final do livro, mesmo zangadas. Mas este foi o final certo, aquele que mostra o que pode acontecer e eu não seria genuína se optasse pelo final “cor-de-rosa” que todos esperavam e se não levasse o meu alerta até ao fim! Aliás, recordo que há muitas vítimas no livro. E todas seguem caminhos e têm finais diferentes, e muitos destes felizes. Mas a Maria... era a Maria! E tem uma função e um objetivo muito fortes e definidos no livro. Daí a escolha deste final...que é um murro no estômago e mostra-nos o pior que pode acontecer às vítimas (e que tem acontecido com tanta frequência e eu não consigo aceitar isso e como é isso possível, ainda hoje!), muitas vezes por situações malconduzidas. Com este final dramático, pretendo alertar, mais uma vez, para o que se passa todos os dias e para o facto de termos, frequentemente, estes desfechos que poderiam ser evitados se as pessoas conseguissem dizer “não” e os processos fossem mais rápidos e desencadeados da forma certa... Com este final, pretendo que os leitores sintam revolta e que percebam que a mudança está nas mãos de todos nós. Por todas as Marias do mundo e por todas as crianças que vivem estas situações!

SLMA: Afinal, quem é Maria? Pode-nos deixar algumas pistas sobre esta personagem tão intrigante?

A Maria é a mulher que se perde numa relação de violência e vai vivendo assim. Mas a Maria também é mãe. E é como mãe, em primeira instância, que ela percebe que tem de sair dessa vida, para proteger a filha do que esta pode ver e sentir com isso. A Maria é a filha que não tem o apoio da mãe. É a amiga que é abraçada e ajudada por outra amiga verdadeira. A Maria é uma lutadora. É alguém que trabalha para refazer a sua vida e a da sua filha. A Maria é uma das muitas vítimas de violência... e surge neste livro para falar por todas as Marias do mundo!

SLMA: Escrever sobre cenas de violência pode ser emocionalmente exaustivo. Como lidou com os sentimentos despertados durante esse processo?

MS: Não foi fácil. Por vezes tinha de reescrever as cenas, porque não as achava suficientemente credíveis porque não conseguiam transmitir exatamente o que queria. Outras vezes, saíam-me pelos dedos, rapidamente, como se estivessem prontas para ser escritas há muito. Para conseguir escrever essas cenas agarrei muito na revolta que sentia ao imaginar que muitas acontecem de verdade. Procurei colocar-me no lugar nas vítimas, perceber o que viviam e sentiam (mesmo sabendo que isso é impossível). Por vezes, foi desgastante e emocionalmente perturbador. Mas todas essas cenas tinham uma finalidade importante... e se as pessoas que leram o livro as sentiram, se arrepiaram, ficaram zangadas ou revoltadas, então eu consegui dar mais voz a essa luta tão importante e o objetivo foi atingido.

SLMA: Como professora e educadora que mensagem deixaria aos leitores e, sobretudo, aos seus alunos?

MS: A mensagem que deixo todos os dias: somos todos seres únicos e todos temos tanta coisa boa para dar e receber. Todos temos dons ou algo em que somos muito bons. Devemos trabalhar para perceber quais são. Todos devemos, todos os dias, trabalhar para sermos melhores pessoas, porque sem isso nunca seremos bons profissionais. Devemos ver o outro, verdadeiramente, apoiar e ajudar o outro, mesmo que ele não peça. Devemos contagiar quem nos rodeia com coisas boas e, com toda a certeza, mais coisas boas acontecerão! Devemos valorizar as pessoas, abraçá-las de diferentes formas. Devemos, todos os dias, MARCAR A DIFERENÇA!

POEMA

Maria, a criança, a jovem, a mulher, a mãe... chora.
Perde a voz, os braços, a força, o horizonte, a esperança.
Cortam-lhe as asas, fica a angústia, que nela mora
Com o sofrimento e a dor, a sua única herança...

Maria, a criança, a jovem, a mulher, a mãe... definha.
Perde o sorriso, a certeza, a vontade e o querer.
Destruíram-lhe os sonhos... e ela, sozinha, ainda caminha...
A Maria cai, chora, definha, pois já só conhece o perder.

Maria, a criança, a jovem, a mulher, a mãe... fecha os olhos.
Perdeu o olhar, as gargalhadas... sobraram os nada...
Arrancaram-lhe o ser, o peito, o corpo, os estolhos...
A Maria sofre, sangra, de mãos e alma atadas...

Maria, a criança, a jovem, a mulher, a mãe... morreu.

Malvina Sousa, janeiro 2025

REFERÊNCIAS

SOUSA, Malvina. **Até que a violência nos separe**. Ponta Delgada: Letras Lavadas, 2019.

VIEIRA, Pedro Almeida. “**Violência doméstica: 72 crimes por dia no ano passado. Municípios do Alentejo e Açores com os piores rácios**”.
<https://www.paginaum.pt/2024/05/23/violencia-domestica-72-crimes-por-dia-no-ano-passado-municipios-do-alentejo-e-aco-cores-com-os-piores-racios> . Acesso janeiro 2025.